



# O Yahweh estrangeiro e o Yahweh ciumento: duas Divindades a partir dos textos antigos

*The foreign Yahweh and the jealous Yahweh: two Divinities from  
ancient texts*

ANGELA NATEL <sup>a</sup>

CLAUDIA MAYER<sup>b</sup>

## Resumo

A partir de pesquisas focadas na interdisciplinaridade e ressignificação construídas sob perspectivas decoloniais, este artigo se propõe a demonstrar, através da análise de uma sequência de trechos da Bíblia Hebraica à luz das recentes descobertas arqueológicas, como Yahweh era percebido na antiguidade por diversos grupos do Sudoeste Asiático, antes da instituição da monolatria na Judá pós exílica. Busca-se, assim, contribuir com os esforços para a desconstrução de leituras assimilacionistas que transferem características de diferentes Deuses e Deusas à figura de Yahweh na instituição da monolatria.

**Palavras-chave:** Bíblia Hebraica. Yahweh. Monolatria. Asherah.

## Abstract

*Taking as a starting point researches that focus on interdisciplinarity and resignification built under decolonial perspectives, this paper aims at demonstrating, by means of the analysis of excerpts from the Hebrew Bible in the light of recent archaeological findings, how Yahweh was perceived in ancient times by several groups in Southeast Asia, before*

---

<sup>a</sup> Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR, Brasil. Doutoranda em Teologia, e-mail: eetown@gmail.com

<sup>b</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil. Doutora em Estudos Literários e Culturais, e-mail: claudia.mayer@gmail.com

*the institution of monolatry in post-exilic Judah. The intent of this paper is to contribute to the efforts to deconstruct assimilationist readings that transfer characteristics of different Gods and Goddesses to the figure of Yahweh in the institution of monolatry.*

**Keywords:** Hebrew Bible. Yahweh. Monolatry. Asherah.

## Introdução

Com o avanço das pesquisas a respeito da redação dos textos da Bíblia Hebraica, hoje focadas na interdisciplinaridade e na ressignificação mediante teorias decoloniais, muito se pode dizer com respeito à forma como as Divindades eram vistas em diferentes épocas e contextos. Yahweh, por exemplo, nem sempre foi um Deus nacional, todo poderoso e atuante em todas as áreas da vida humana. No contexto politeísta da história pré-exílica de Judá, Yahweh é mencionado como tendo uma origem geográfica aproximada, um campo específico de atuação e até mesmo em atividade conjugal com uma Deusa. Neste artigo propõe-se demonstrar, através de uma sequência de descobertas arqueológicas e de trechos da Bíblia Hebraica, como Yahweh era percebido na antiguidade por diversos grupos do Sudoeste Asiático, antes da instituição da monolatria na Judá pós exílica e como, num processo de criação de uma narrativa mítica, a monarquia, junto a uma elite sacerdotal, criou um outro Yahweh, ciumento e almejando a solitude.

### *Divindades cananeias*

Os hebreus nasceram em contexto politeísta. Segundo as tradições elaboradas sobre o passado do povo hebreu, Abrão veio de cultura mesopotâmica familiarizada com a realidade da interação de Divindades com a vida cotidiana, deslocando-se para a realidade canaanita, também marcada pelos cultos da fertilidade. Seus descendentes carregaram as tradições de seus antepassados, evidenciando-as em suas práticas religiosas.

[...] a evidência arqueológica das práticas religiosas da Era do Ferro indica que "Israel" como um todo também adorava deuses e deusas Cananitas, e.g., Baal,

Asherah, e Anat. Portanto, a versão Deuteronomista do Javismo pode não ter sido o elemento chave na formação anterior da auto compreensão “Israelita” (BRETT, 2009, p.73<sup>1</sup>).

Entre os cananeus, o Deus supremo era El, divindade representada por um touro ou por um velhinho sentado num trono, já não muito atuante no cotidiano das pessoas. El tinha uma esposa, Asherah, Deusa da fertilidade. As Divindades mais ativas e utilizadas no dia a dia do povo eram Baal, filho de El, uma Divindade masculina, e Anat, irmã/esposa de Baal, também ligada aos cultos de fertilidade da terra. Sua ação mítica era representada cultualmente com o rito de *qedeshah* e *qadesh*, a respeito dos quais muitos autores – inclusive léxicos e dicionários (como por exemplo, HOLLADAY, 2010, p. 446) e tradutores da Bíblia – chamam sua função equivocadamente de “prostituição sagrada” – uma vez que suas raízes linguísticas estão relacionadas ao termo “santidade” (BIRD, 2019). Embora fosse um Deus predominantemente agrícola e, portanto, dono legítimo das primícias da terra, Baal era também o protetor da cidade, e aí ficava seu Templo.

O deus juvenil [Baal] aparece, na maioria das vezes, junto com uma *deusa*. Com frequência é a “virgem Anate”, ao mesmo tempo irmã e mulher, deusa da fertilidade e deusa da guerra. No AT, ela é mencionada somente em nomes de lugares e de pessoas [...]. Em contraposição, o AT cita Baal seguidas vezes junto com Astarte ([...] em Babilônico: Ishtar) ou Ashera [...] que é representada por um símbolo cultual de madeira (“poste-ídolo”), por uma árvore ou estaca [...]. (SCHMIDT, 2004, p. 228).

A El, Deus supremo do Panteão ugarítico, atribui-se o epíteto de *bny bnwt* = “criador das coisas criadas”. Outra expressão ugarítica diz do Deus El que ele é *ab adm*, expressão que pode ser traduzida por “pai da humanidade”. A palavra ugarítica *adm* é o nome dado na Bíblia à primeira pessoa — não é nome próprio (Gn 1-2). Em todo caso, *ab adm*, “pai da humanidade” atribuído ao Deus El, parece confirmar ser esse o criador dos seres humanos (VV. AA., 1990, p. 115).

---

<sup>1</sup> Salvo exceções indicadas, todas as traduções retiradas de obras em línguas estrangeiras, foram realizadas pelas autoras.

Outra informação importante a respeito de El é que este foi o Deus principal de Israel, Reino do Norte, sob a designação “Deus dos pais”. Foi El que, na tradição do Êxodo, uma das tradições mais antigas do Reino do Norte, libertou os israelitas da escravização no Egito (cf. Nm 22-24). Seu nome aparece em inúmeros nomes teofóricos de santuários, cidades e pessoas, como Betel (Gn 28) e o próprio Israel (Gn 32). A partir de textos de redação deuteronomista, El é identificado com Yahweh (Dt 7,9; 10,17; 26,5).

Quanto à esposa de El, Asherah (ugarítico: 'ʾrt; hebraico: אֲשֵׁרָה), na mitologia semítica, é uma Deusa-mãe que aparece em várias fontes antigas, incluindo escritos acadianos com o nome de Ashratum/Ashratu e em hitita como Asherdu(s) ou Ashertu(s). Asherah é geralmente considerada idêntica à Deusa ugarítica Athirat (transcrita com mais precisão como 'Aṯirat). O Livro de Jeremias, escrito a partir de 628 AEC (mas, com um processo de redação que só se encerra no período da elaboração da Septuaginta), possivelmente se refere a Asherah quando usa o título “rainha do céu” (cf. Jr 7,18). Nos textos ugaríticos (antes de 1200 AEC), Athirat quase sempre recebe seu título completo *rbt 'aṯrt ym, rabat' Aṯirat yammi*, “Senhora Athirat do Mar” ou, numa tradução mais completa, “Ela que pisa no mar”. Isso ocorre 12 vezes apenas no épico do Baal (DRIVER, 1956).

Seu outro epíteto divino principal era *qaniyatu 'ilhm* (ugarítico: qnyt 'lm), que pode ser traduzido como “a criadora dos Deuses (Elohim)” (DRIVER, 1956). Nesses textos, Athirat é a consorte do Deus El; há uma referência aos 70 filhos de Athirat, presumivelmente o mesmo que os 70 filhos de El. Athirat é, também, chamada *Elat* (“Deusa”, a forma feminina de El) e *Qodesh*, “Santidade”.

No Ciclo de Baal, famoso texto da literatura ugarítica, o Deus Baal chega a morrer, mas ressuscita após ação corajosa de sua irmã Anat no reino do submundo. A influência de Baal em Israel, e também em Judá, posteriormente, é percebida constantemente na narrativa Bíblica, tendo sua primeira menção já no Pentateuco, em Números 25. Ainda que, em época de guerra, a população em massa fosse ao santuário de Yahweh (1 Sm 4), durante os períodos relacionados à colheita, era o santuário de Baal que a maior parte do povo frequentava, pois essa era a sua “área de jurisdição”.

Quando o foco se volta para os textos da Bíblia Hebraica, ainda é possível identificar mais de um significado para outro termo referente a seres divinos, *'elohim*:

o nome *'elohim* (אֱלֹהִים), e com o artigo definido *ha'elohim* (הַאֱלֹהִים), que apesar de literariamente ser um plural é geralmente traduzido com a palavra “Deus” [...], pois na maioria das vezes a ação deste sujeito é descrita com um verbo no singular. Porém existem uma série de versículos onde estes mesmos sujeitos têm sua ação descrita com verbos no plural, dando a entender que, nestes casos estes nomes deveriam ser traduzidos como são, com um plural, indicando um conjunto de divindades, possivelmente os ancestrais divinizados cultuados em cada família. Como a ideia de uma pluralidade de Deuses contraria a doutrina monoteísta, desde a tradução para o grego, a septuaginta, as traduções ignoram o verbo no plural e o traduzem como um singular, ou mudam o sujeito e, ao invés de Deuses traduzem como “os juízes”, mantendo então os verbos no plural (STICA, 2020, p. 6-7).

Assim, o termo *'elohim*, em alguns textos específicos, trata de Divindades ou ancestrais (habitantes do Sheol), divinizados ou não. Embora o termo apareça quase quatro mil vezes em toda a Bíblia Hebraica, sendo quase todas as ocorrências posteriores à identificação de *'elohim* com Yahweh e El, operada pela chamada redação deuteronômista, tendo então sua ação descrita com verbos no singular, tradições mais antigas descrevem a ação de *'elohim* com verbos no plural (Gn 20,13; 31,53; Ex 22,8 e possivelmente também em Ex 22,7 e 21,6), revelando que antes das intervenções político-religiosas talvez já nas épocas de Ezequias e Josias, mas certamente pela elite sacerdotal pós exílica, *'elohim* representa a pluralidade de seres divinos, incluindo o contexto do Concílio dos Deuses do Salmo 82 — texto caracteristicamente de origem cananeia:

1. Salmo para Asaf.  
Elohim está em pé no concílio de El.  
No meio dos Elohim ele julga:
2. Até quando, vós defendereis  
e as faces dos malvados erguereis? Selah.
3. Defendei o miserável e o órfão; o oprimido e o empobrecido fazei justiça!
4. Livrai o miserável e o oprimido; das mãos dos malvados tirai(-os)!
5. Eles não conhecem e não entendem; na escuridão eles andam.  
Abalam-se todos os fundamentos da terra.
6. Eu disse:

Elohim vós (sois) e filhos de Elyon (vós) todos.

7. Contudo, como homem morrereis e como qualquer dos príncipes caireis.

8. Levanta-te Elohim, julgue a terra.

Eis! Todas as nações são tua propriedade! (MOURA, 2012, p. 15)

Trata-se de um conjunto de Divindades clânicas em muitas referências, e suas representações através de imagens são denominadas *teraphim* (Gn 31,19 e 30; 1 Sm 19,13). Tanto nos textos de redatores posteriores (escribas monolátricos, por exemplo) quanto na maior parte das traduções da Bíblia para o português ou inglês, o caráter coletivo do termo ‘*elohim*’ é escondido, e o que aparece é uma completa domesticação do termo, ou associado diretamente a Yahweh — como se ‘*elohim*’ se tratasse das diferentes faces desse Deus — ou remetendo à concepção de Theós ou até mesmo ao Deus trinitário cristão, conceito completamente externo aos textos bíblicos (SUGIRTHARAJAH, 2009).

Ainda há referências bíblicas sobre uma Divindade chamada Shadday, possivelmente ligada à tradição do povo denominado abraamita (tradições do Sul), que teve sua caracterização posteriormente transferida para Yahweh no contexto Judaíta pós exílico (Gn 17,1; Ex 6,3 e 4). Tradicionalmente (e erroneamente) traduzido como 'Deus Todo-Poderoso', El Shadday significa algo como “El do deserto”, e parece ter sido o nome de uma conhecida manifestação local do grande Deus El dentro e ao redor dos territórios identificados hoje como Palestina, Israel e Jordânia. É a El que Abraão, Isaac e Jacó constroem altares e fazem ofertas na terra de Canaã, marcando-a como o território que seus descendentes herdarão por promessa divina. E é El que até mesmo estes escritores bíblicos reconhecem como sendo o Deus de seus antepassados assumidos (STAVRAKOPOULOU, 2022, p. 22).

O nome El Shadday aparece na Bíblia em Gênesis 17,1, quando a Divindade aparece a Abrão dizendo-lhe que ele está sendo abençoado para se tornar o pai das nações. É também na bênção de Jacó dada em Gênesis 49,25 que se percebe a invocação a El Shadday. A bênção de Jacó dada a seu filho José estava deixando-o saber que o El da Ajuda (Eliezer) — El Shadday — estava prestes a abençoá-lo tanto com a ajuda quanto com as bênçãos do seio e do ventre.

Algo ainda mais intrigante é percebido no Templo em Jerusalém onde alguns pesquisadores já identificaram a presença da representação de uma tríade divina: Yahweh, Asherah e Nehushtan:

Se, na figura dos répteis, entrevermos uma referência a serpentes e, assim, identificarmos nessas representações a figura incensada de Nehushtan, o que também seria sugerido pela reveladora presença de incensadores no recinto com interior esculpido de répteis (Ez 8,11), então poderemos identificar Asherah e Nehushtan, em 2 Re 18,4, a imagem de Ez 8,3.5 — Asherah — e aos répteis de Ez 8,10 — a serpente alada, de bronze, Nehushtan —, justamente aqueles dois equipamentos litúrgicos mencionados, como presentes no templo, durante a “reforma de Ezequias”. Nada nos impediria, ainda, de identificar nos “animais” representações tauriformes de Yahweh. Talvez estejamos diante da “trindade” jerosolimitana — Yahweh, Nehushtan e Asherah — ou, de qualquer forma, diante de uma representação que lembra, imediatamente, ainda que não inequivocamente, a representação imagética de Kuntillet ‘Ajrud (DEVER, 1984, p. 21-37; cf. f.1 *apud* RIBEIRO, 2014, p. 199).

Dessa forma, haveria uma representação simbólica (em forma de serpente de bronze) dos Seraphim (Divindade da cura em forma de serpente alada inserida nos textos antigos em contexto de metalurgia), cuja estátua se encontrava ao lado das imagens de Yahweh (Deus da guerra) e de Asherah (Deusa da fertilidade) no Templo em Jerusalém — adoração em Judá (Sul) até a época de Ezequias.

O Reino do Norte, chamado Israel, continuou a adorar El, Baal e Asherah (1 Rs 12). Jeroboão procurou dar nova identidade político-religiosa para as tribos do Norte. Para isso, mudou o calendário, os lugares de culto, a data das festas, e instituiu o sacerdócio não levítico, a fim de descentralizar o culto. Os santuários de Betel e Dã, ao Sul e ao Norte, criaram a delimitação religiosa para as tribos do Norte. Os bezerros de ouro não eram Deuses estrangeiros, mas representações ou símbolos da presença e poder de El — equivaliam à arca com os querubins que estavam no Templo de Jerusalém.

A partir dos pressupostos colocados a respeito do contexto politeísta que perdurou até o reinado de Ezequias e Josias em Judá — ainda que pesquisadores afirmem que não cessou aí —, pode-se agora demonstrar, por evidências textuais da Bíblia Hebraica, sinais de um Yahweh mais primitivo — no sentido de primeiro, mais antigo — que, sem dificuldade alguma conviveu com outras Divindades e teve seu culto pacificamente compartilhado com elas.

## *A origem e as funções de Yahweh*

Nesse contexto politeísta é que é possível encontrar vestígios de um Yahweh antigo, cujas características se distinguem fortemente do que se observa na maior parte das teologias construídas sobre essa Divindade. Um fragmento de poesia antiga no livro de Deuteronômio não só localiza Yahweh dentro de um panteão, mas também revela exatamente quem era seu pai. Ele descreve a separação das pessoas em grupos distintos (“povos” ou “nações”), e explica por que a cada grupo foi atribuída uma Divindade particular para agir como seu patrono especial. Mas a Divindade que supervisiona essa divisão do trabalho divino não é Yahweh, mas Elyon — um título de El que reflete seu papel como o Deus “Altíssimo” do panteão:

Quando Elyon [‘Altíssimo’] repartiu as nações, quando ele dividiu a humanidade, ele fixou os limites dos povos de acordo com o número de filhos divinos; pois a parte de Yahweh era seu povo, Jacob [Israel] sua quota. Deuteronômio 32.8-9. Graças às antigas emendas de escribas que procuravam ‘corrigir’ o politeísmo destes versos, esta leitura (refletida de forma variada nos Pergaminhos Gregos e do Mar Morto) nem sempre é encontrada nas Bíblias modernas. (STAVRAKOPOULOU, 2022, p. 20, nota 18).

No trecho citado, portanto, tem-se uma explanação a respeito da distribuição dos povos e suas terras pelo Deus Elyon — o Deus dos Céus — para com seus filhos divinos. O trecho demonstra se tratar de duas Divindades distintas, em que Yahweh é subordinado (filho) de Elyon e recebe dele a porção de Israel como herança.

Dentre as suas funções, Yahweh é descrito pelos textos mais antigos da Bíblia Hebraica como que circundando o campo semântico da luta armada (מִלְחָמָה, cf. 1Sm 17,47) dos camponeses, geralmente descrito como agindo em sua defesa (Ex 15, 2-3). É preciso observar que o sentido de “guerra” (מִלְחָמָה) tanto nos termos modernos, quanto nas guerras decididas oficialmente pelos reis de Israel e de Judá, não se aplica ao significado de *milhamah* na antiguidade, onde provavelmente referia-se às lutas armadas que os camponeses empreendiam para defender suas vidas, suas colheitas e suas



terras. Eram “guerras” de defesa, e não para manutenção, ampliação do poder ou para conquista e expansão colonialista.

E foi com a função de Deus *milhamah* que Yahweh teria entrado em Israel através das organizações armadas de defesa dos clãs. Nas tradições mais antigas, Yahweh era um Deus guerreiro de grupos específicos. Entretanto, na monolatria pós exílica, ele acaba sendo considerado por Judá como criador de todos os povos. Assim, é possível desconfiar de que, na Bíblia Hebraica, quando Yahweh é citado atuando fora do âmbito da guerra (fertilidade, por exemplo) são textos oriundos das intervenções monolatrizes de Ezequias e Josias, ou posteriores a elas. É somente aí que começam a creditar-lhe as funções e as características das Divindades repelidas pelos reis interventores (Dt 10,17).

É a partir da monarquia que um outro Yahweh surge, competindo com o primeiro que se concentrava no contexto campesino: o Yahweh patrono da casa davídica (2Sm 6), isto é, da monarquia. Quando Yahweh é assumido pela monarquia, há uma distorção de suas funções e ele se torna Deus da guerra dos exércitos do rei, que age em seu nome e atua mais no âmbito de ataque, com o objetivo de exploração e conquista por meio da violência.

Quanto à origem possível de Yahweh, alguns textos poéticos nos dão uma pista. Em Deuteronômio 33,2 encontra-se a relação de Yahweh à sua origem em Seir, região de Edom. Algo semelhante acontece num dos trechos mais antigos da Bíblia Hebraica, Juízes 5,4:

Yahweh, quando você saiu de Seir, quando você marchou da região de Edom, a terra tremeu, e também os céus derramaram, as nuvens também derramaram água.

As montanhas tremeram antes de Yahweh, a do Sinai, antes de Yahweh, o Deus de Israel.

Outra informação é encontrada em Habacuque 3,3, onde se menciona que Yahweh veio desde Temã, do monte Parã, na região do deserto do Sinai. Isso se harmoniza com o texto do Salmo 68,8-9, que claramente cita o Sinai como ponto de partida de Yahweh. Localizado nas regiões fora de Canaã, fora do Egito e da Mesopotâmia, Yahweh surge como um Deus estrangeiro entre

povos que possuíam relações conflituosas com Israel e Judá (RÖMER, 2016, p. 48).

Essa localização geográfica nos textos bíblicos está em sintonia com alguns achados arqueológicos mencionando Yahweh de Temã. Foram descobertas cerâmicas do século VIII AEC em Kuntillet Ajrud (hebraico Horvat Teman, ao sul de Cades Barneia) durante escavações no deserto do Sinai em 1975. Com relação às inscrições nos cântaros (Pithoi):

A 1: uma cerâmica do século VIII AEC com a inscrição Berakhti etkhem l'Yahweh Shomron ul'Asherato (Hebraico: ברכתי אתכם ליהוה ואלאשרתו שומרון). Traduzida, ficaria: "Eu te abençoei por Yahweh de Samaria e Sua Asherah".

B 2: Diga a meu senhor, você está bem? Eu te abençoei por Yahweh de Teman e sua 'asherah. Que ele vos abençoe e que vos guarde, e que esteja com meu senhor [para sempre(?)].

B 3: [Eu te abençoo (Eu o abençoei)] por Yahweh de Teman e por/sua Asherah. Tudo o que ele pedir a alguém, ele (isto é, Yahweh) o concederá... e Yahweh lho dará de acordo com seu propósito... (FINKELSTEIN; PIASETZKY, 2008).

Nessas inscrições, encontra-se Yahweh relacionado a duas localidades: Samaria (Norte) e Temã (Sul). Além da confirmação geográfica de Temã relacionada a Yahweh. Essa informação ainda vem associada a um estado de conjugalidade de Yahweh com a Deusa Asherah, anteriormente conhecida como esposa de El. Assim, percebe-se que mais tarde Yahweh não só assimilará o posto, as funções e as características de El, como também roubará sua esposa.

### *A esposa de Yahweh*

Os postes representando a Deusa Asherah são mencionados nos livros de Êxodo, Deuteronômio, Juízes, nos Livros dos Reis, no segundo Livro de Crônicas e nos livros de Isaías, Jeremias e Miquéias. O termo geralmente aparece como meramente אשרה, e é traduzido de diferentes maneiras em português, ainda que essas traduções distorçam completamente o sentido do texto hebraico. O arqueólogo William Dever comenta:

Não sabemos ao certo o que a crença no Deus Yahweh significava para os israelitas comuns. Embora o texto bíblico nos diga que a maioria dos israelitas

apenas adoravam Yahweh, sabemos que isso não é verdade... As descobertas dos últimos quinze anos nos deram muitas informações sobre a adoração dos antigos israelitas. Parece que precisamos levar a adoração à deusa Asherah mais a sério do que nunca (THOMPSON; JAYYUSI, 2004, p. 139).

À luz desses achados, é possível sugerir uma emenda a uma passagem difícil de Oseias. No texto Massorético de Oseias 14,9 lê-se: (Deus falando): “Quanto a mim, eu respondo e olho por ele [Efraim]”. No original: *ani ‘aniti wa’ashurenu*. O texto como está não faz nenhum sentido. A forma *wa’Asheratu*, que aparece repetidamente nas inscrições sugere a leitura *ani ‘Anato wa’Asherato*, que significa “Eu sou sua Anat e sua Asherah”. Caso seja assim, o que Deus está dizendo através de Oseias é: “Eu sou a Anat e a Asherah de Efraim” — eu sou aquele que provê a bênção e a fertilidade das pessoas. Essa emenda restaura o paralelismo entre 9a e 9b, perdido no texto Massorético. Na passagem completa, Deus estaria dizendo:

Efraim, o que eu tenho que fazer mais com os ídolos?  
 Eu [Yahweh] sou sua Anat e sua Asherah,  
 Eu sou como um cipreste frondoso  
 De mim teu fruto é encontrado.

A combinação desses achados arqueológicos e a emenda sugerida para a passagem de Oseias demonstra que a adoração de Asherah como consorte de Yahweh foi um elemento integral da vida religiosa do antigo Israel antes das reformas introduzidas por Josias em 621 AEC (Dt. 16,21).

Há ainda evidências que sugerem que Josias não conseguiu impedir a veneração de imagens esculpidas, apesar da aparente violenta imposição religiosa que promoveu, pois estatuetas de uma mulher de pé, segurando os seios com as próprias mãos (geralmente identificada com a Deusa Asherah), foram encontradas, em abundância, dentro de complexos residenciais privados em todos os principais sítios do final do século VII AEC, e que deve ter perdurado por muito tempo ainda no período do segundo templo (RIBEIRO, 2015).

A maioria das quarenta referências a Asherah na Bíblia Hebraica deriva da chamada história Deuteronomista, a partir das intenções monolátricas de Josias, sempre em uma estrutura hostil: o redator elabora um esqueleto da

história de Israel e julga os reis de Israel e Judá de acordo com o rigor com que defende o javismo e suprime o culto a Asherah e outras Divindades em sua intervenção político-religiosa (BENATTO; NATEL; DIETRICH, 2020). O rei Manassés, por exemplo, colocou um poste de Asherah no Templo sagrado e foi, portanto, segundo o redator, alguém que “fez mal aos olhos de Iahweh” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1998, 2Rs 21,6); mas o rei Ezequias “tirou os lugares altos, fez em migalhas as estátuas, e cortou a Asera” (BÍBLIA TEXTUAL, 2019, 2Rs 18,4), e foi considerado o mais justo dos reis de Judá antes da vinda de Josias, em cujo reinado a chamada história deuteronomista foi composta. Para Eichler (2019) o cajado florido de Arão, mencionado em Nm. 20,20-25 é, na verdade, uma Asherah. Explica que as Asherot eram proibidas em textos pós-exílicos (Dt. 7,15; 16,21), mas aceitos em textos de uma linha sacerdotal como símbolo do sacerdócio aarônico. Assim, o relato em Nm 20,20-25 (florescimento do cajado de Arão) seria um conto etiológico sacerdotal usado para legitimar o sacerdócio aarônico e justificar a presença de um símbolo associado à Deusa.

O culto a Asherah foi extremamente popular na sociedade hebreia, devido à crença de que ela promovia fertilidade nas mulheres e facilitava o parto. No século 7 AEC, um texto de encantamento encontrado em Arslan Tash, na Síria, a ajuda da Deusa Asherah é procurada por uma mulher prestes a dar à luz. Um apontamento interessante de Patai (1990) é que a invocação a Asherah pode estar na forma original da exclamação feita por Lia por ocasião do nascimento do bebê de Zilpa, chamado Asher (Gn. 30,10-13 — por direito de mãe, Lia pode nomear a criança. A narrativa é sucinta e a exclamação feita por Lia, bem como a usual justificativa pela escolha do nome, fica propositadamente obtusa. O nome dos dois bebês gerados por Zilpa têm alguma conexão com as Divindades cananeias. Quando o primeiro nasceu, Lia exclamou “Por Gad!” (*baGad*), e quando o segundo nasceu, ela exclamou “Por Oshri!” – geralmente traduzido por “Por minha felicidade!” — “Porque as mulheres me chamarão feliz”<sup>2</sup>, chamando a criança de Asher (Gn 30,10-13). O prefixo b- usado nos dois casos é o utilizado em juramentos por Deus (cf. Js 2,12; Jz 21,7). Uma Divindade chamada Gad era adorada em Canaã como Deus

da sorte. Não há conhecimento de uma Divindade por nome Oshri. Alguns estudiosos assumem que o texto foi emendado para que o nome da Divindade invocada por Lia se aproximasse do nome Asher, mas a modificação parece ter ocorrido para evitar o afastamento da relação com a Deusa Asherah, o que explicaria que na tradição original ela tenha exclamado “*Basherah!*” (Por Asherah!). Se essa hipótese se confirmar, tem-se aqui um testemunho da adoração a Asherah nos primórdios das tradições originárias de Gênesis. O nome masculino Asher deriva de Asherah assim como o masculino Astar vem de Astarte na mitologia canaanita.

Por volta do ano 620 AEC, o símbolo da Deusa teria sido arrancado do Templo e queimado. No entanto, o culto a Asherah parece ter sido mais importante fora de Jerusalém, nos chamados “lugares altos”. Em tais locais, o poste de madeira era substituído por árvores vivas como símbolo da Deusa (Dt 16,21). Eram santuários ao ar livre, nos topos das montanhas, evidenciando uma profunda ligação com a natureza. O culto a Asherah seria uma forma de reverenciar a fertilidade feminina e o papel da mulher como doadora ou mantenedora da vida. Durante muito tempo, esse tipo de culto foi considerado uma influência religiosa estrangeira sobre o povo de Israel, conforme o que dizia a Bíblia. Mas o consenso atual é que os israelitas não tiveram uma origem separada dos cananeus, seus vizinhos. A maior parte dos habitantes de Judá e Israel parecem ter sido um grupo de origem majoritariamente canaanita que foi assumindo uma entidade cultural distinta aos poucos. E, entre os cananeus, Asherah era a esposa de El, o soberano dos Deuses. Por isso, não é de se estranhar que Yahweh, ao assumir o lugar de El no panteão, tenha tomado Asherah como sua esposa.

Na Idade do Ferro IIC (720/700-600 AEC), a Babilônia derruba a Assíria e passa a dominar Israel e Judá. Neste período, encontra-se o símbolo tradicional da Deusa: a árvore e o ramo. Vários selos ou impressões de selos que associam símbolos astrais com árvores estilizadas foram encontrados na Palestina e na Transjordânia, o que reforça interpretações sobre a existência de um culto à Deusa Asherah ao lado de Yahweh. Para alguns estudiosos, foi principalmente na forma de árvore estilizada que, ao longo de séculos, Asherah esteve presente em Israel. Mas é sobretudo na época pós-exílica que as vertentes

políticas e religiosas dominantes vão excluir e proibir a presença de uma Divindade feminina dentro do Javismo (OTTERMANN, 2005, p. 52).

### *De um Yahweh ciumento para um Yahweh único*

Ainda é desconhecido exatamente como ou quando Yahweh veio a ser entendido como o cabeça do panteão — e é impossível dizer se esta visão do panteão foi compartilhada tanto por Israelitas quanto por Judaítas, para quem as ideologias religiosas da condição de Estado permaneceram relativamente sem importância. Além disso, é certo que as memórias culturais do papel tradicional de El persistiram, sugerindo que permaneceram muito potentes, ou muito profundamente enraizadas, para serem ignoradas nas tradições religiosas sobre as quais autores e editores bíblicos posteriormente desenharam (STAVRAKOPOULOU, 2022). Ao invés disso, uma estratégia teológica diferente foi empregada: em uma tentativa espetacularmente transparente de alguns escritores procuraram minimizar a aparente substituição do mítico pai de Yahweh, insistindo que Yahweh sempre foi El: “Eu sou Yahweh”, diz a Divindade para Moisés, em Êxodo 6,2-3: “Apareci a Abraão, Isaac e Jacob como El Shadday, mas pelo meu nome Yahweh eu não me fiz conhecido por eles”.

Segundo Binger (1997, p. 110-111) os autores Deuteronomistas possuíam um conhecimento limitado do politeísmo pré-exílio, já que tudo foi reunido relativamente tarde e os redatores advogavam pelo monoteísmo Javista. Haroldo Reimer (2006, p. 115) aponta, sobretudo o século V AEC, como o momento histórico marcante, em que Yahweh vai se constituindo como Deus único de Israel, desencadeando um processo de exclusão de outras Divindades, o que acarreta no silenciamento da própria Deusa Asherah, onde textos bíblicos serão instrumentos de justificação deste processo monoteísta e o critério de afirmação do sacerdócio masculino perpetuando uma sociedade patriarcal (REIMER, 2006, p. 117).

É importante ressaltar a possibilidade de uma intervenção político-religiosa de Josias, tradicionalmente apresentada como uma reforma. Alguns pesquisadores defendem que se tratou de uma violenta imposição de uma religião monolátrica que nunca antes havia existido em Judá e Israel e ocorrida

no último quarto do século VII AEC, apesar de seus indícios serem apenas pontuais em alguns textos bíblicos, o que pode caracterizar-se numa tradição inventada (HOBSBAWN; RANGER, 1984). Essa intervenção teria tentado afastar as diversas formas de adoração a outras Divindades, colocando Yahweh no centro e travando batalhas contra templos de outros Deuses e Deusas no seu reino e no antigo Reino do Norte, como é visível em 2 Reis 22-23. Essas imposições, cujos relatos são encontrados como partes fundamentais em Deuteronômio, teriam construído e reforçado a identidade monoteísta, como Haroldo Reimer coloca, um “monoteísmo nacional em sua versão oficial” (2008, p. 71). Entretanto, é também e, talvez, mais viável que essa organização religiosa tenha se dado somente pelas mãos da elite sacerdotal pós exílica, numa retroprojeção a partir de inserções textuais nesses trechos.

A época das visões de Ezequiel é localizada nos anos que precederam a reforma de Josias ou seguiram sua morte. Apesar de serem memórias com mais de trinta anos de idade ou em recentes acontecimentos, a visão relata em detalhes as práticas consideradas idolátricas no Templo de Jerusalém. São-lhe apontadas, uma por uma, as “abominações” cometidas pela “casa de Israel” no santuário de Yahweh: a “imagem de ciúmes”, que provoca ciúmes, levantada no portão norte que leva ao altar. Na parte interna do muro, relevos de bestas e todo tipo de imagens adoradas pelos setenta anciãos de Israel. No portão norte, havia as mulheres sentadas chorando por Tamnuz, e diante do Templo, entre o pátio e o altar, vinte e cinco homens prostrados para o sol nascente, de costas para o Templo (cf. Ez 8,1-18). Cada abominação mencionada é pior do que a que a antecede, num crescendo; assim, a “imagem do ciúme” é considerada um pecado menor, diametralmente oposto à adoração ao sol.

Apesar disso, há uma diferença evidente neste elemento: dos atos de idolatria descritos posteriormente, somente esta ‘imagem’ não tem adoradores, apenas permanece erguida ali em seu lugar, sua simples presença como um pecado da ‘casa de Israel’. Patai (1990) explica que a palavra ‘ciúme’ se refere a Yahweh. A palavra imagem (*semel*) ocorre pela primeira vez nas proibições Deuteronomistas de se fazer estátuas (*pesel*), formas (*t’munah*) ou apenas imagens (*semel*), a aparência (Dt. 4,16-18). *Semel* aqui significa uma imagem que representa um animal de grande porte, feita com propósito de

adoração No livro de Crônicas, sob influência de Ezequias do termo *semel*, a imagem de Asherah levantada por Manassés não é chamada meramente Asherah (2 Rs. 21,3), mas estátua (*pesel*) da imagem (*semel*), e na segunda vez brevemente ‘a imagem’ (*ha-semel* - 2 Cr. 33,7-15) (PATAI, 1990). A identificação da ‘imagem do ciúme’ de Ezequiel com a ‘imagem de Asherah’ de Manassés está implícita na terminologia de Crônicas. Estudiosos da Bíblia geralmente aceitam que se trata da estátua de Asherah colocada no Templo por Manassés. Dessa forma, tem-se um testemunho da presença de Asherah nos últimos anos do Templo em Jerusalém até o exílio, e tem-se um período total de aproximadamente seis séculos em que a Deusa foi adorada, prática tida posteriormente como abominação pela elite sacerdotal pós exílica na instituição do que se pode chamar de pré-monoteísmo.

O fato de um poste de Asherah ser encontrado no Templo de Jerusalém, junto ao altar de Yahweh, apontado a partir de Deuteronômio 16,21, implica que a adoração à Deusa era plenamente aceita pelo povo, chegando a parecer que, da mesma maneira como o povo considerava a presença de Yahweh no Templo, também considerava a de Asherah, ambos reconhecidos como casal divino e parte do javismo estatal. Apesar de parecer que não, uma vez que seu culto foi condenado pelos redatores e cada passagem que a menciona demonstrar essa condenação, essa elite sacerdotal não representa todo o Israel, mas uma minúscula parcela do povo. Por causa da devoção dedicada a Asherah através de um culto oficial com santuários, cultos pessoais, domésticos e oferendas, além de sua presença no Templo de Jerusalém, onde rituais sexuais eram realizados em nome de Asherah, considerada divina consorte de Yahweh pelo povo, sem sombra de dúvida é possível afirmar que Asherah era popularmente aceita como Deusa de Israel.

Dessa maneira, pode-se compreender que o suposto “ciúme” creditado a Yahweh não passa de uma cortina de fumaça criada pela elite sacerdotal a fim de construir uma narrativa mitológica em que Yahweh, antes um Deus amoral como todas as demais Divindades, agora se sentia incomodado com a competição proporcionada pela presença politeísta no meio de seu povo. Esse controle narrativo fez com que Deusas da fertilidade, grandes-mães, controladoras da natureza, e suas características fossem gradativamente



assimiladas por Yahweh, tornando-o o único Deus, Todo-Poderoso e masculino.

## Conclusão

No contexto politeísta de Canaã nascem os grupos que deram origem a Israel e Judá. O panteão ugarítico, formado por seu chefe El e sua esposa Asherah, seus filhos Baal, Anat e tantos outros, influenciou as culturas que deram origem às tradições dos textos da Bíblia Hebraica. Yahweh, Divindade originária de fora de Canaã, Deus guerreiro em defesa dos camponeses, é assimilado para dentro da cultura Israelita e, posteriormente, torna-se uma de suas principais Divindades.

Com o tempo, Yahweh não somente assimila as características, funções e nomes das outras Divindades, como também toma a esposa de El, Asherah, como sua. Se para o Deuteronomista Yahweh é tradicionalmente considerado um Deus celibatário e as outras Divindades são interpretadas como dependentes de um culto chamado “idólatra”, sob um olhar mais atento aos trechos mais antigos da Bíblia Hebraica em conjunto com as descobertas arqueológicas da modernidade, pode-se afirmar que Yahweh definitivamente era associado a uma Deusa.

A partir do que foi visto, entende-se que um Yahweh nascido para legitimar a monarquia e que, posteriormente, sentiu-se enciumado com a presença de outros Deuses e Deusas em seu Templo foi uma ideia imposta pelas elites político-religiosas, e que não tem relação direta com o Yahweh conhecido na antiguidade e que convivia pacificamente com o culto a outras Divindades. Com um processo de assimilação, é possível perceber que as características de El, Baal e das Deusas foram aos poucos sendo transferidas para Yahweh na instituição da monolatria da posterior Judá.

Os autores pós-exílicos tinham consciência do politeísmo pré-exílico. Há muitos detalhes, textos teológicos e legais condenando o culto a “outros Deuses”, o que demonstra a grande diversidade de Deuses, Deusas, locais de culto, mediações, liturgias e famílias sacerdotais existentes no pré-exílio, conhecidas por todos, tanto que conforma uma realidade que não pode ser negada ou simplesmente ignorada, por ser visível e conhecida por todos, o que

obrigou os redatores chamados deuteronomistas a apresentá-las em toda a história de Israel como “abandono a Yahweh” ou “seguir a outros Deuses”. Sobretudo, o século V AEC foi um momento histórico marcante, em que Yahweh vai se constituindo como Deus único dos Judaítas (que se autointitularam o povo de Israel), desencadeando um processo de exclusão de outras Divindades, o que acarreta no silenciamento da própria Deusa Asherah, em que os textos bíblicos serão instrumentos de justificação deste processo monolátrico e o critério de afirmação do sacerdócio masculino perpetuando uma sociedade patriarcal.

Como consequência desse processo, escribas antigos censuram os nomes de outras divindades no texto hebraico — prática ainda em voga pela maioria dos tradutores dos textos bíblicos para as línguas modernas — e o monoteísmo é usado para legitimar a teologia do povo eleito. Dessa maneira, violências são embutidas no processo de instituição do monoteísmo em Israel e que sobrevivem nos fundamentalismos atuais. Esses movimentos querem que se veja tudo antes da centralização do culto a Yahweh como um desvio, como se Yahweh não tivesse sido desconfigurado pelos que o descreveram.

## Referências

BENATTO, T.; NATEL, A.; DIETRICH, L. J. Como as traduções bíblicas sequestraram a Deusa Asherah e desmoralizaram suas sacerdotisas e os seus sacerdotes. In: ROSSI, L. A. S.; MATOS, S. H. M. (Orgs). *Asherah a Deusa de Israel*. São Paulo: Fonte Editorial, 2020. p. 157-192.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1998.

BÍBLIA TEXTUAL. *Estudo Contextual*. Niterói: BV Films Editora, 2019.

BINGER, T. Asherah: Goddesses in Ugarit, Israel and the Old Testament. *JSOTSup* 232, Sheffield, Sheffield Academic Press, 1997.

BIRD, P. A. *Harlot or holy woman? A study of Hebrew qdēšah*. Pennsylvania: The Pennsylvania State Press, 2019.

BRETT, M. G. *Decolonizing God: The Bible in the Tides of Empire*. London: Sheffield Phoenix Press, 2009.

DRIVER, G. R. *Canaanite Myths and Legends*. Edinburg: T. and T. Clark, 1956.

EICHLER, R. Aaron's Flowering Staff: A Priestly Asherah? Disponível em: <https://www.thetorah.com/article/aarons-flowering-staff-a-priestly-asherah>. Acesso em: 13 set. 2020.

FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N. A. *A Bíblia desenterrada: a nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens nos seus textos sagrados*. Petrópolis: Vozes, 2018.

FINKELSTEIN, I.; PIASETZKY, E. The date of Kuntillet 'Ajrud: the 14c perspective. *Tel Aviv*, p. 135-185, 2008.

HOBBSAWN, E., RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLLADAY, William L. *Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

MOURA, R. L. de. *O Concílio dos Deuses no Salmo 82 e a Literatura Ugarítica*. 2012. 95 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Religião) — Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.

OTTERMANN, M. Vida e prazer em abundância: A Deusa Árvore. *Mandrágora*. São Paulo, ano XI, n. 11, p. 40-56, 2005.

PATAI, R. *The Hebrew Goddess (Jewish folklore and anthropology)*. Detroit: Wayne State University Press, 1990.

REIMER, H. A serpente e o monoteísmo. In: HAROLDO, R.; VALMOR, S. (Org.). *Hermenêuticas bíblicas — Contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica*. São Leopoldo: Oikos, 2006. p. 115-119.

REIMER, H. Monoteísmo e Identidade. *Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia*, v. 16, mai.-ago. 2008.

RIBEIRO, O. L. *Nehushtan: pesquisa exegética, fenomenológica e histórico-social sobre a origem, a supressão e o suporte social do culto à serpente de bronze em Israel, com base em Nm 21,4-9; Is 6,1-7 e 2 Re 18,4*. 2002. 404 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) — Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, Rio de Janeiro, 2002.

RIBEIRO, O. L. *A deusa do efa: hipótese de interdição ao culto de Asherah em Zc 5,5-11*. *Revista Pistis Praxis*, v. 6, n. 1, p. 191-208, 2014.

RIBEIRO, O. L. *As mulheres do efa: epílogo da interdição da deusa e do feminino na Judá pós-exílica*. *Revista Pistis Praxis*, v. 7, n. 1, 2015, 227-253. <https://doi.org/10.7213/revistapistispraxis.07.001.a003>.

RÖMER, T. *A origem de Javé: o Deus de Israel e seu nome*. São Paulo: Paulus, 2016.

SCHMIDT, W. H. *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

SMITH, M. S. *The Ugaritic Baal Cycle*. V. 1: Introduction with text, translation and commentary of KTU 1.1-1.2. Leiden: E. J. Brill, 1994.

STAVRAKOPOULOU, F. *God: an anatomy*. New York: Alfred A. Knopf, 2022.

STICA, L. R. D. *Tradução da Bíblia e Direitos Humanos: A influência das doutrinas do tradutor na tradução de 'elohim (אֱלֹהִים) e ha'elohim (הָאֱלֹהִים) em alguns versículos do Pentateuco*. Relatório Final de PIBIC sobre orientação do professor Luiz José Dietrich, PUCPR, 2020.

SUGIRTHARAJAH, R. S. *La Biblia y el Imperio*. Exploraciones poscoloniales. Madrid: Akal, 2009.

THOMPSON, T. L.; JAYYUSI, S. K. *Jerusalem in ancient history and tradition*. T. & T. Clark Ltd, 2004.

VV. AA. *A Criação e o Dilúvio segundo os textos do Oriente Médio Antigo*. São Paulo: Paulus, 1990.

RECEBIDO: 08/06/2022  
APROVADO: 24/07/2022

RECEIVED: 06/08/2022  
APPROVED: 07/24/2022